

PREFÁCIO

MARANA BORGES*

O leitor tem diante de si uma obra singular no mercado editorial brasileiro. Esta antologia de contos tradicionais e fábulas recria, com esmero e criatividade, uma fatia importante e representativa das narrativas orais infantis de países africanos, todos eles pertencentes à comunidade da língua portuguesa.

De Moçambique a Angola, passando por São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Cabo Verde, é a língua portuguesa que os une. Que nos une. Não só: também o passado colonial sob a autoridade da metrópole portuguesa, responsável pela criação de um circuito transatlântico de venda de escravos para o Brasil que durou até o século XIX e cujas marcas na sociedade e na cultura brasileiras ainda são visíveis. Não há como negar: nós, brasileiros, também somos africanos.

Em que pesem todas as relações históricas e de identidade com o Brasil, ainda é possível constatar que esse continente

* Formada em Jornalismo na Universidade de São Paulo e mestre em Teoria da Literatura pela Universidade de Lisboa, onde desenvolve o doutorado.

rico e milenar limita-se em muitas livrarias às prateleiras de guias de viagem para destinos exóticos. Felizmente, na última década, escritores e pensadores africanos começaram a se projetar com envergadura no mercado editorial, em grande medida na esteira aberta pelo moçambicano Mia Couto.

Mas ainda falta muito. A lei 11.645, que prevê o ensino na educação básica e superior da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena, se por um lado representa um inegável avanço, por outro, sua implementação carece de educadores comprometidos com essas temáticas e com uma visão não reducionista ou folclórica do continente africano e dos povos nativos do Brasil. Continua a haver um vácuo quanto à literatura infantil, e este é um dos méritos da pesquisadora e escritora Avani Souza Silva: dar a conhecer as histórias africanas contadas para crianças. Fazê-lo é também reconhecer o caráter marcadamente oral dessas narrativas, que eram (e ainda são) contadas pelos mais velhos durante os serões, ocasiões nas quais a família e a vizinhança partilham saberes. Daí que a linguagem dos textos de *A África Recontada para Crianças* também busque preservar essas marcas orais, e não sobrepor-se a elas.

É interessante notar a versatilidade das histórias, nem sempre acompanhadas do forte apelo moral e cariz pedagógico, recorrente em muitos textos de literatura infantil. Por isso mesmo, elas são mais criativas. Conferem à criança o direito à imaginação. Mais do que ensinar bons costumes, pretendem explicar coisas tão distintas como fenômenos naturais ou a relação entre as espécies.

São histórias, acima de tudo, bem humoradas. Atravessadas por adivinhas, músicas, descrições de gastronomia, vestimentas e tantos outros elementos que formam a cultura de um país e expandem nosso conhecimento sobre os povos africanos. A autora (ou, melhor, “recontadora”) não se poupa o trabalho de colocar glossário quando é preciso, nem muito menos de, com a leveza e simplicidade típicas de seu texto, explicar o significado de termos ou produtos crioulos.

A presença basilar dos animais torna a maior parte dos relatos em fábulas; são os bichos que em geral falam com as pessoas e guiam as peripécias do enredo. Por aí vê-se a ligação ainda forte entre o homem africano e a natureza.

O boi Blimundo é, certamente, o ponto alto do livro. A lenda cabo-verdiana do “mais bonito e o mais forte boi do mundo”, que foge do trabalho escravo, maçante e repetitivo, para viver livre é, ao mesmo tempo, a crítica mais feroz ao sistema colonial de exploração e à escravidão em vigor no arquipélago até 1878. A inclusão, no livro, da história “Quanto custa um escravo?”, de São Tomé e Príncipe, também foi uma escolha corajosa: Avani incomoda, pois não se furta de olhar a literatura infantil também como veículo da violência. Se aqui nos salta à vista o absurdo colonial, em *O boi Blimundo*, é a alegoria libertária e o poético que conferem outro alcance ao texto. A linguagem poética é tão bem empregada por Avani que nos faz repetir em voz alta as frases, mesmo que as estejamos lendo sozinhos, só para ouvir os sons das palavras encadeadas.

Pela criatividade, pelo valor dado à oralidade, pela adequação da linguagem, pela ousada tarefa de divulgar a cultura africana

dos países de língua portuguesa, pela atenção dada à narrativa oral e infantil — o livro merece o melhor dos destaques não somente nas livrarias, mas sobretudo na sala de aula e dentro de nossas casas, onde talvez ainda seja possível reaver as rodas de histórias nos serões ao fim do dia.

Um tributo à África, à língua portuguesa e aos contadores de histórias. As crianças agradecerão, e nós, adultos, também.